

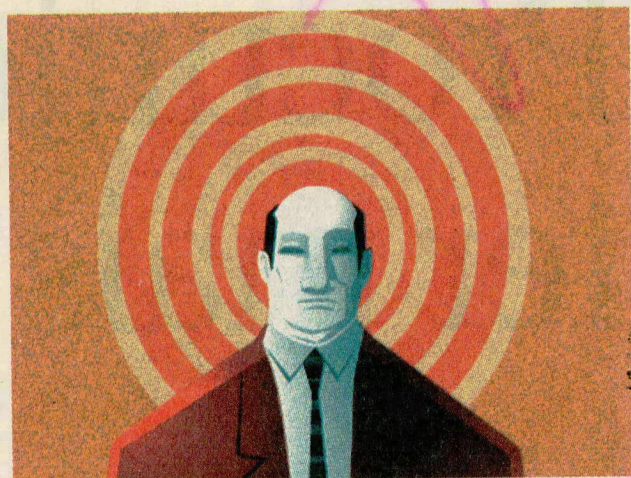


NAS ENTRELINHAS

por Gustavo Krieger

Kleber Lima/CB - 4/1/07

e-mail gustavo.krieger@correioweb.com.br



CORREIO BRASILENSE 30 AGO 2007

O que importa para o Senado

O Conselho de Ética do Senado começa hoje a julgar o presidente do Congresso, Renan Calheiros (PMDB-AL), sem que ninguém saiba as regras desse julgamento. Quando a sessão começar, os senadores vão se engalfinhar para definir se o voto será secreto ou aberto. Cada lado chegará à reunião munido de relatórios e pareceres elaborados por consultores bem remunerados e capacitados. Há argumentos jurídicos para embasar qualquer posição. Mas ao final, vencerá quem tiver mais votos ou gritar mais alto. A quem perder, restará reclamar de injustiça ou denunciar manobras políticas. Essa situação define bem a fragilidade dos julgamentos políticos no Brasil. Independentemente das provas contra ou a favor do acusado, no final o que vale mesmo são as relações políticas e os acordos fechados nos bastidores.

O caso contra Renan começou com a denúncia de que ele teria recebido ajuda de Cláudio Gontijo, da empreiteira Mendes Júnior, para pagar despesas pessoais. Entre elas estaria uma pensão de R\$ 12 mil para a jornalista Mônica Veloso, com quem teve uma filha. Depois de semanas de investigação e debates, o presidente do Senado argumenta que não apareceu nenhuma prova dessa acusação, como depósitos da empreiteira na conta dele ou de Mônica. Seus adversários contrapõem que Renan não conseguiu provar que foi ele quem pagou a pensão e que o dinheiro saiu de suas contas. Parece incrível, mas os dois lados têm razão. O Conselho de Ética não conseguiu comprovar a ligação de Renan com a empreiteira, mas o senador também não conseguiu convencer ninguém da legitimidade de suas contas. Ao contrário, na tentativa de defender-se entregou documentos que só piora-

ram sua situação. Entre outros tropeços, revelou operações suspeitas de venda de gado e confessou empréstimos que não estavam em seu Imposto de Renda.

Nos tribunais, o ônus da prova cabe a quem acusa e o réu é inocente até que surja prova em contrário. No julgamento da opinião pública, é o contrário. É o político acusado quem precisa provar sua inocência e convencer a todos que está dizendo a verdade. No julgamento político, o que vale é ter o número necessário de votos. São 81 senadores que decidirão o futuro de Renan Calheiros em votação secreta no plenário do Senado. Se ele tiver pelo menos 41 a seu favor, será absolvido e sairá proclamando inocência. Se os 41 votos forem contra ele, será cassado. Simples assim.

Durante todo o processo, os senadores disseram em público que esperavam pela conclusão das investigações para formar sua opinião. Na verdade, os votos estão definidos há muito tempo. Em conversas reservadas, todos reconhecem que os fatores que mais pesam para a decisão são outros. A ética passou a ter um curioso alinhamento com siglas partidárias. O PMDB apóia Renan porque o senador é um eficiente mensageiro das demandas da bancada junto ao Palácio do Planalto. O DEM e o PSDB embrulham com seu discurso em favor da ética uma disputa por poder contra o PMDB e o Palácio do Planalto. Se amanhã o acusado for de outra legenda, essas posições vão se misturar novamente.

Com algumas notáveis exceções, as provas, depoimentos e perícias realizadas nessa investigação serviram para municiar de discurso quem já tem lado. Renan é culpado ou inocente? Para o Senado, pouco importa. A questão é saber se ele tem ou não os votos necessários para se salvar. Ele sabe bem disso. Conhece como poucos a Casa que preside. Por isso, não abandonou a Presidência do Senado em nenhum momento. Por isso usou todos os recursos para que as regras do julgamento fossem as que mais o favoreciam. E por isso apostou sempre no apoio do Palácio do Planalto, para transformar sua defesa em uma questão de governo. Hoje começaremos a ver se essa estratégia foi suficiente para assegurar sua sobrevivência.

DURANTE TODO O PROCESSO, OS SENADORES DISSERAM EM PÚBLICO QUE ESPERAVAM PELA CONCLUSÃO DAS INVESTIGAÇÕES PARA FORMAR SUA OPINIÃO. NA VERDADE, OS VOTOS ESTÃO DEFINIDOS HÁ MUITO TEMPO. EM CONVERSAS RESERVADAS, TODOS RECONHECEM QUE OS FATORES QUE MAIS PESAM PARA A DECISÃO SÃO OUTROS

■ A partir de hoje, esta coluna passa a ser publicada de domingo a sexta-feira, com a participação de Luiz Carlos Azedo, Gustavo Krieger e Alon Feuerwerker